

# CAPÍTULO 8

---

## Erikson: Teoria Pós-freudiana

- ◆ *Panorama da teoria pós-freudiana*
- ◆ *Biografia de Erik Erikson*
- ◆ *O ego na teoria pós-freudiana*
  - Influência da sociedade
  - Princípio epigenético
- ◆ *Estágios do desenvolvimento psicossocial*
  - Lactâncio
  - Infância precoce
  - Idade do jogo
  - Idade escolar
  - Adolescência
  - Ínicio da idade adulta
  - Idade adulta
  - Velhice
  - Resumo do ciclo de vida
- ◆ *Métodos de investigação de Erikson*
  - Estudos antropológicos
  - Psico-história



Erikson

- ◆ *Pesquisa relacionada*
  - A identidade precede a intimidade?
  - Generatividade *versus* estagnação
- ◆ *Críticas a Erikson*
- ◆ *Conceito de humanidade*
- ◆ *Termos-chave e conceitos*

**Q**uando criança, Erik Salomonsen tinha muitas perguntas, mas poucas repostas, acerca de seu pai biológico. Ele sabia quem era sua mãe – uma bela dinamarquesa judia, cuja família se esforçava muito para parecer dinamarquesa, em vez de judia. Mas quem era o pai dele?

Nascido em uma família uniparental, o menino teve três crenças distintas quanto às suas origens. Inicialmente, ele achava que o marido da mãe, um médico chamado Theodor Homburger, fosse seu pai biológico. No entanto, quando Erik cresceu, começou a perceber que aquilo estava incorreto, porque seu cabelo loiro e olhos azuis não combinavam com as características morenas dos pais. Ele pressionou a mãe por uma explicação, mas ela mentiu e disse que um homem chamado Valdemar Salomonsen – seu primeiro marido – era seu pai biológico e que ele a abandonou depois que ela ficara grávida de Erik. Entretanto, Erik não acreditou muito nessa história, porque ele sabia que Salomonsen tinha deixado sua mãe quatro anos antes de ele nascer. Por fim, Erik optou por acreditar que ele era o resultado de uma ligação sexual entre sua mãe e um dinamarquês aristocrata com dons artísticos. Por quase todo o resto de sua vida, Erik acreditou nessa terceira versão. No entanto, continuou a procurar a sua identidade enquanto buscava o nome de seu pai biológico.

Durante a época da escola, as características escandinavas de Erik contribuíram para sua confusão de identidade. Quando ia ao templo, seus olhos azuis e cabelo loiro faziam com que parecesse um estrangeiro. Na escola pública, seus colegas arianos se referiam a ele como um judeu; portanto, Erik se sentia deslocado nos dois ambientes. Por toda a sua vida, ele teve dificuldade em se aceitar como judeu ou gentio.

Quando sua mãe morreu, Erik, então com 58 anos, temeu nunca vir a conhecer a identidade de seu pai biológico. Mas perseverou em sua busca. Assim, mais de 30 anos depois e quando sua mente e corpo começavam a deteriorar, ele perdeu o interesse em saber o nome do pai. Contudo, continuou a apresentar alguma confusão de identidade. Por exemplo, falava principalmente em alemão – a língua de sua juventude – e raras vezes falava em inglês, seu principal idioma por mais de 60 anos. Além disso, manteve, por muito tempo, afinidade com a Dinamarca e o povo dinamarquês e tinha um orgulho distorcido em exibir a bandeira da Dinamarca, um país no qual nunca viveu.

## PANORAMA DA TEORIA PÓS-FREUDIANA

A pessoa que apresentamos na vinheta de abertura, é claro, era Erik Erikson, aquele que cunhou a expressão *crise de identidade*. Erikson não tinha curso superior de qualquer tipo, mas a falta de educação formal não o impediu de ganhar fama mundial em uma variedade impressionante de

campos, incluindo psicanálise, antropologia, psico-história e educação.

Diferentemente dos primeiros teóricos psicodinâmicos, que cortaram todas as ligações com a psicanálise freudiana, Erikson pretendia que sua teoria da personalidade ampliasse, em vez de repudiar, os pressupostos de Freud e oferecesse uma nova “maneira de olhar para as coisas” (Erikson, 1963, p. 403). Sua **teoria pós-freudiana** ampliou os estágios do desenvolvimento infantil de Freud até a adolescência, a idade adulta e a velhice. Erikson sugeriu que, em cada estágio, uma *luta psicosocial* contribui para a formação da personalidade. A partir da adolescência, essa luta assume a forma de uma **crise de identidade** – um ponto de virada na vida do indivíduo que pode fortalecer ou enfraquecer a personalidade.

Erikson considerava sua teoria pós-freudiana como uma extensão da psicanálise, algo que Freud poderia ter feito. Mesmo tendo usado a teoria freudiana como fundamento para sua abordagem da personalidade do *ciclo de vida*, Erikson diferia de Freud em vários aspectos. Mais que elaborar os estágios psicossexuais para além da infância, Erikson coloca mais ênfase nas influências *sociais e históricas*.

A teoria pós-freudiana de Erikson, como a de outros teóricos da personalidade, é um reflexo de seu histórico, que incluía arte, extensas viagens, experiências com uma variedade de culturas e uma vida inteira de busca pela própria identidade, a qual mencionamos brevemente na vinheta de abertura.

## BIOGRAFIA DE ERIK ERIKSON

Quem era Erik Erikson? Ele era dinamarquês, alemão ou americano? Judeu ou gentio? Artista ou psicanalista? O próprio Erikson tinha dificuldade em responder a essas perguntas e passou quase toda a vida tentando determinar quem ele era.

Nascido em 15 de junho de 1902, no sul da Alemanha, Erikson foi criado por sua mãe e por seu padrasto, mas permaneceu sem saber a verdadeira identidade do pai biológico. Para descobrir esse nicho em sua vida, Erikson se aventurou para longe de casa durante o final da adolescência, adotando a vida de artista e poeta ambulante. Depois de quase sete anos de perambulação e procura, ele voltou para casa confuso, exausto, deprimido e incapaz de desenhar ou pintar. Nessa época, um evento fortuito mudou sua vida: ele recebeu uma carta de seu amigo Peter Blos convidando-o a ensinar crianças em uma nova escola em Viena. Uma das fundadoras da escola era Anna Freud, que se tornou não só a empregadora de Erikson como também sua psicanalista.

Enquanto se submetia ao tratamento analítico, ele enfatizou para Anna Freud que seu problema mais difícil era a busca pela identidade do pai biológico. No entanto, Anna

Freud não foi muito empática e disse a Erikson que ele deveria parar de fantasiar sobre seu pai ausente. Ainda que Erikson, em geral, obedecesse a sua psicanalista, ele não podia seguir o conselho de parar de tentar saber o nome de seu pai.

Enquanto estava em Viena, Erikson conheceu e, com permissão de Anna Freud, casou-se com Joan Serson, uma dançarina canadense, artista e professora que também tinha feito psicanálise. Com seu histórico psicanalítico e sua facilidade com a língua inglesa, ela se tornou uma editora valiosa e ocasional coautora dos livros de Erikson.

Os Erikson tiveram quatro filhos: os meninos Kai, Jon e Neil e a menina Sue. Kai e Sue seguiram carreiras profissionais importantes, mas Jon, que compartilhava a experiência do pai como artista ambulante, trabalhava como operário e nunca se sentiu emocionalmente próximo dos pais.

A busca de Erikson pela identidade o fez passar por algumas experiências difíceis durante seu estágio de desenvolvimento adulto (Friedman, 1999). De acordo com Erikson, esse estágio requer que uma pessoa cuide dos filhos, dos produtos e das ideias que ela gerou. Sob tal aspecto, Erikson não chegou a atingir seus próprios padrões. Ele não conseguiu cuidar bem de seu filho Neil, que nasceu com síndrome de Down. No hospital, enquanto Joan ainda estava sedada, Erik concordou em colocar Neil em uma instituição. Então, foi para casa e contou aos três irmãos mais velhos que seu irmão havia morrido ao nascer. Mentiu para os filhos como sua mãe havia mentido para ele acerca da identidade do pai biológico. Posteriormente, ele contou a verdade ao filho mais velho, Kai, mas continuou a enganar os dois filhos mais moços, Jon e Sue. Ainda que a mentira de sua mãe o tenha angustiado muito, ele não entendia que sua mentira a respeito de Neil poderia, mais tarde, angustiar seus outros filhos. Ao enganar seus filhos, Erikson violava dois de seus próprios princípios: "Não minta para as pessoas com quem você se importa" e "Não coloque um membro da família contra o outro". Para agravar a situação, quando Neil morreu, com cerca de 20 anos, os Erikson, que estavam na Europa na época, chamaram Sue e Jon e os instruíram a tomar as providências para o funeral de um irmão que eles nunca haviam encontrado e apenas recentemente tinham sabido que existia (Friedman, 1999).

Erikson também procurou sua identidade por meio das diversas trocas de emprego e locais de residência. Sem credenciais acadêmicas, ele não tinha uma identidade profissional específica e era conhecido tanto como artista quanto como psicólogo, psicanalista, clínico, professor, antropólogo cultural, existentialista, psicobiógrafo ou intelectual público.

Em 1933, com o fascismo em alta na Europa, Erikson e sua família saíram de Viena para a Dinamarca, esperando obter a cidadania dinamarquesa. Quando os oficiais dinamarqueses recusaram esse pedido, ele saiu de Copenhagen e imigrou para os Estados Unidos.

Na América, mudou seu nome de Homburger para Erikson. Essa mudança foi um ponto de virada crucial em sua vida, porque representava a retirada de sua identificação judaica anterior. Originalmente, Erikson se ressentia com qualquer insinuação de que estaria abandonando sua identidade judaica ao mudar de nome. Ele refutava essas acusações indicando que usava seu nome completo – Erik Homburger Erikson – em seus livros e ensaios. No entanto, conforme o tempo passou, ele retirou seu nome do meio e o substituiu pela inicial H. Assim, essa pessoa que, no final da vida, era conhecida como Erik H. Erikson, anteriormente tinha se chamado Erik Salomonsen, Erik Homburger e Erik Homburger Erikson.

Na América, Erikson continuou seu padrão de mudança de um lugar para outro. Primeiro, instalou-se na área de Boston, onde estabeleceu uma prática psicanalítica modificada. Sem credenciais médicas, nem qualquer tipo de formação universitária, aceitou cargos de pesquisa no Hospital Geral de Massachusetts, na Escola Médica de Harvard e na Clínica Psicológica de Harvard.

Querendo escrever, mas precisando de mais tempo do que sua agenda ocupada em Boston e Cambridge permitia, Erikson assumiu uma posição em Yale em 1936, mas, depois de dois anos e meio, mudou-se para a Universidade da Califórnia, em Berkeley, mas, não antes de viver com o povo da nação Sioux, na reserva de Pine Ridge, em Dakota do Sul, e estudá-lo. Mais tarde, ele viveu com o povo da nação Yurok, no norte da Califórnia, e essas experiências em antropologia cultural acrescentaram riqueza e abrangência a seu conceito de humanidade.

Durante seu período na Califórnia, Erikson, gradualmente, desenvolveu uma teoria da personalidade, independente, mas não incompatível com a de Freud. Em 1950, Erikson publicou *Infância e sociedade*, um livro que, à primeira vista, parece ser uma mistura de capítulos não relacionados. O próprio Erikson originalmente teve alguma dificuldade em encontrar um tema comum subjacente aos tópicos como a infância em duas tribos de nativos norte-americanos, o crescimento do ego, os oito estágios do desenvolvimento humano e a infância de Hitler. No entanto, ele acabou reconhecendo que a influência de fatores psicológicos, culturais e históricos sobre a *identidade* era o elemento subjacente que unia os vários capítulos. *Infância e sociedade*, que se tornou um clássico e deu a Erikson uma reputação internacional como pensador imaginativo, permanece como a melhor introdução a sua teoria da personalidade pós-freudiana.

Em 1949, os coordenadores da Universidade da Califórnia requereram que os membros do corpo docente assinassem um compromisso de lealdade aos Estados Unidos. Tal demanda não era incomum durante aqueles dias, quando o senador Joseph McCarthy convenceu muitos norte-americanos de que os comunistas e seus simpatizantes estavam preparados para derrubar o governo dos Estados

Unidos. Erikson não era comunista, mas, por uma questão de princípios, recusou-se a assinar o compromisso. Ainda que o Comitê de Privilégios e Mandato tenha recomendado que ele mantivesse o cargo, Erikson deixou a Califórnia e voltou para Massachusetts, onde trabalhou como terapeuta em Austen Riggs, um centro de tratamento para formação psicanalítica e pesquisa localizado em Stockbridge. Em 1960, ele voltou para Harvard e, pelos 10 anos seguintes, esteve no cargo de professor de desenvolvimento humano. Após se aposentar, Erikson continuou uma carreira ativa – escrevendo, palestrando e atendendo alguns pacientes. Durante os primeiros anos de sua aposentadoria, morou em Marin County, Califórnia; Cambridge, Massachusetts; e Cape Cod. Durante todas essas mudanças, Erikson continuou a procurar pelo nome de seu pai. Morreu em 12 de maio de 1994, aos 91 anos.

Quem era Erik Erikson? Ainda que ele mesmo não tenha conseguido responder a essa pergunta, outras pessoas podem saber a respeito desse indivíduo conhecido como Erik Erikson, por meio de seus livros, palestras e ensaios brilhantemente construídos.

Os trabalhos mais conhecidos de Erikson incluem *Infância e sociedade* (1950, 1963, 1985); *O jovem Luther* (*Young Man Luther*, 1958); *Identidade: juventude e crise* (1968); *A verdade de Gandhi* (*Gandhi's Truth*, 1969), um livro que ganhou o prêmio Pulitzer e o National Book Award; *Dimensões de uma nova identidade* (*Dimensions of a New Identity*, 1974); *História de vida e o momento histórico* (*Life History and the Historical Moment*, 1975); *Identidade e o ciclo da vida* (*Identity and the Life Cycle*, 1980); e *O ciclo de vida completo* (1982). Stephen Schlein compilou muitos dos trabalhos de Erikson em *Uma forma de olhar para as coisas* (*A Way of Looking at Things*) (Erikson, 1987).

## O EGO NA TEORIA PÓS-FREUDIANA

No Capítulo 2, assinalamos que Freud usou a analogia de um cavaleiro no lombo de um cavalo para descrever a relação entre o ego e o id. O cavaleiro (ego) está, em última análise, à mercê do cavalo, mais forte (id). O ego não tem força própria; portanto, deve tomar emprestada sua energia do id. Além do mais, o ego está constantemente tentando equilibrar as demandas cegas do superego contra as forças incessantes do id e as oportunidades realistas do mundo externo. Freud acreditava que, para as pessoas psicologicamente sadias, o ego é desenvolvido o suficiente para colocar rédeas no id, mesmo que seu controle ainda seja tênue e os impulsos do id possam emergir e invadir o ego a qualquer momento.

Em contraste, Erikson defendia que o ego é uma força positiva que cria uma identidade pessoal, uma noção de “eu”. Como centro da personalidade, o ego ajuda as pessoas a se adaptarem aos vários conflitos e crises da vida e evita

que elas percam sua individualidade para as forças niveladoras da sociedade. Durante a infância, o ego é fraco, flexível e frágil; mas, na adolescência, ele começa a assumir forma e ganhar força. Durante toda a nossa vida, ele unifica a personalidade e evita a fragmentação. Erikson via o ego como uma agência organizadora parcialmente inconsciente que sintetiza nossas experiências presentes com identidades pessoais passadas e também com as imagens esperadas do *self*. Ele definiu o ego como a capacidade de uma pessoa de unificar experiências e ações de uma maneira adaptativa (Erikson, 1963).

Erikson (1968) identificou três aspectos inter-relacionados do ego: o ego corporal, o ideal do ego e a identidade do ego. O *ego corporal* se refere a experiências com nosso corpo, uma maneira de ver nosso *self* físico como diferente de outras pessoas. Podemos estar satisfeitos ou insatisfeitos com a aparência e funcionamento do corpo, mas reconhecemos que ele é o único corpo que temos. O *ideal do ego* representa a imagem que temos de nós mesmos em comparação com um ideal estabelecido; ele é responsável por estarmos satisfeitos ou insatisfeitos com nossa identidade integral. A *identidade do ego* é a imagem que temos de nós mesmos na variedade de papéis sociais que desempenhamos. Apesar de a adolescência ser, em geral, a época em que esses três componentes estão mudando com rapidez, as alterações no ego corporal, no ideal do ego e na identidade do ego podem ocorrer, e ocorrem, em qualquer estágio da vida.

## Influência da sociedade

Mesmo que as capacidades inatas sejam importantes no desenvolvimento da personalidade, o ego emerge da sociedade e é, em grande parte, moldado por ela. A ênfase de Erikson nos fatores sociais e históricos ia de encontro ao ponto de vista predominantemente biológico de Freud. Para Erikson, o ego existe como potencial no nascimento, mas ele deve emergir do interior de um ambiente cultural. Diferentes sociedades, com suas variações nas práticas de criação dos filhos, tendem a moldar personalidades que se enquadram nas necessidades e nos valores de sua cultura. Por exemplo, Erikson (1963) identificou que os cuidados prolongados e permissivos dos bebês da nação Sioux (às vezes, por 4 ou 5 anos) resultaram no que Freud chamava de personalidades “orais”, ou seja, as pessoas que obtêm grande prazer por meio das funções da boca. Os Sioux atribuem grande valor à generosidade, e Erikson acreditava que o reconforto resultante da amamentação ilimitada forma as bases para a virtude da generosidade. No entanto, os pais Sioux rapidamente reprimem a mordida, uma prática que pode contribuir para a fortaleza e a ferocidade da criança. Por sua vez, o povo da nação Yurok estabelece regras rígidas referentes à eliminação de urina e fezes, práticas que tendem a desenvolver “analidade”, ou limpeza compulsiva,



As crianças engatinham antes de andar, caminham antes de correr e correm antes de saltar.

obstinação e avareza. Nas sociedades euro-americanas, a oralidade e a analidade costumam ser consideradas traços indesejáveis ou sintomas neuróticos. Erikson (1963), no entanto, argumentava que a oralidade entre os caçadores Sioux e a analidade entre os pescadores Yurok são características adaptativas que ajudam tanto o indivíduo quanto a cultura. O fato de a cultura euro-americana considerar a oralidade e a analidade como traços desviantes meramente exibe sua visão etnocêntrica das outras sociedades. Erikson (1968, 1974) argumentou que, historicamente, todas as tribos ou nações, incluindo os Estados Unidos, desenvolveram o que ele chamou de **pseudoespécie**, ou seja, uma ilusão perpetrada e perpetuada por uma sociedade particular de que é, de alguma forma, escolhida para ser a espécie humana. Em séculos passados, essa crença ajudou na sobrevivência da tribo, mas, com meios modernos de aniquilação do mundo, uma percepção tão preconceituosa (conforme foi demonstrado pelos alemães nazistas) ameaça a sobrevivência de cada nação.

Uma das contribuições principais de Erikson à teoria da personalidade foi a ampliação dos estágios de desenvolvimento precoces freudianos para incluir a idade escolar, a juventude, a idade adulta e a velhice. Antes de examinarmos em mais detalhes a teoria de Erikson do desenvolvimento do ego, discutiremos a sua visão de como a personalidade evolui de um estágio para o seguinte.

### Princípio epigenético

Para Erikson, o ego se desenvolve passando por vários estágios na vida, de acordo com um **princípio epigenético**, um termo tomado emprestado da embriologia. O desenvolvimento epigenético implica um crescimen-

to gradual dos órgãos fetais. O embrião não inicia como uma pequena pessoa completamente formada, esperando apenas expandir sua estrutura e forma. Em vez disso, ele se desenvolve, ou deve se desenvolver, de acordo com um ritmo predeterminado e em uma sequência fixa. Se olhos, fígado ou outros órgãos não se desenvolvem durante esse período crítico, então eles nunca atingirão a maturidade adequada.

De forma semelhante, o ego segue o caminho do desenvolvimento epigenético, com cada estágio acontecendo em seu momento apropriado. Um estágio emerge e é construído sobre um estágio anterior, sem, no entanto, substituí-lo. Esse desenvolvimento epigenético é análogo ao desenvolvimento físico das crianças, que engatinham antes de caminhar, caminham antes de correr e correm antes de saltar. Quando as crianças ainda estão engatinhando, elas estão desenvolvendo o potencial para caminhar, correr e saltar; depois que estiverem maduras o suficiente para saltar, elas ainda mantêm a capacidade de correr, caminhar e engatinhar. Erikson (1968) descreveu o princípio epigenético afirmando que “tudo o que cresce tem uma planta baixa e que, a partir dessa planta baixa, as partes se erguem, cada uma tendo seu momento de ascendência especial, até que todas as partes se erguem para formar um todo em funcionamento” (p. 92). De forma mais sucinta, “epigênese significa que uma característica se desenvolve sobre a outra no espaço e no tempo” (Evans, 1967, p. 21-22).

O princípio epigenético é ilustrado na Figura 8.1, que descreve os três primeiros estágios eriksonianos. A sequência de estágios (1, 2, 3) e o desenvolvimento de suas partes componentes (A, B, C) são mostrados nos quadros com linhas em negrito na diagonal. A Figura 8.1 indica que

Estágio	Partes		
	A	B	C
3 Idade do jogo	3 <sub>A</sub>	3 <sub>B</sub>	3 <sub>C</sub>
2 Infância precoce	2 <sub>A</sub>	2 <sub>B</sub>	2 <sub>C</sub>
1 Lactânci	1 <sub>A</sub>	1 <sub>B</sub>	1 <sub>C</sub>

**FIGURA 8.1** Três estágios eriksonianos descrevendo o princípio epigenético.

Reimpressa de *The Life Cycle Completed: A Review*, de Erik H. Erikson, com permissão de W. W. Norton & Company, Inc. Copyright © 1982, Rikan Enterprises, Ltd.

cada parte existe antes de seu momento crítico (pelo menos como potencial biológico), emerge em seu momento apropriado e, por fim, continua a se desenvolver durante os estágios subsequentes. Por exemplo, a parte B componente do Estágio 2 (infância precoce) existe durante o Estágio 1 (lactânci), conforme apresentado no Quadro 1<sub>B</sub>. A parte B atinge sua ascendência máxima durante o Estágio 2 (Quadro 2<sub>B</sub>), mas continua no Estágio 3 (Quadro 3<sub>B</sub>). Do mesmo modo, todos os componentes do Estágio 3 existem durante os Estágios 1 e 2, atingem o desenvolvimento integral durante o Estágio 3 e continuam durante todos os estágios posteriores (Erikson, 1982).

## ESTÁGIOS DO DESENVOLVIMENTO PSICOSSOCIAL

A compreensão dos oito estágios do desenvolvimento psicossocial de Erikson requer um entendimento de vários pontos básicos. Primeiro, o crescimento acontece de acordo com o *princípio epigenético*. Ou seja, uma parte componente surge a partir de outra e tem seu próprio momento de ascendência, mas não substitui de todo os componentes anteriores.

Segundo, em cada estágio da vida, existe uma *interação dos opostos*, ou seja, um conflito entre um elemento **sintônico** (harmonioso) e um elemento **distônico** (perturbador). Por exemplo, durante a infância precoce, a *confiança básica* (uma tendência sintônica) opõe-se à *desconfiança básica* (uma tendência distônica). Porém, tanto a confiança quanto a desconfiança são necessárias para a adaptação adequada. Um bebê que aprende somente a confiar se torna ingênuo e mal-preparado para as realidades encontra-

das no desenvolvimento posterior, enquanto um bebê que aprende somente a desconfiar se torna muito receoso e cínico. Do mesmo modo, durante cada um dos outros sete estágios, as pessoas precisam ter experiências harmoniosas (sintônicas) e perturbadoras (distônicas).

Terceiro, em cada estágio, o conflito entre os elementos distônicos e sintônicos produz uma qualidade de ego ou força de ego, à qual Erikson se referia como **força básica**. Por exemplo, da antítese entre confiança e desconfiança emerge a esperança, uma qualidade do ego que permite que um bebê avance para o estágio seguinte. Igualmente, cada um dos outros estágios é marcado por uma força básica do ego que emerge do choque entre os elementos harmoniosos e perturbadores daquele estágio.

Quarto, pouca força básica em qualquer estágio resulta em uma **patologia central** para aquele estágio. Por exemplo, uma criança que não adquire esperança suficiente durante a lactânci irá desenvolver a antítese ou o oposto da esperança, ou seja, o *retraimento*. Mais uma vez, cada estágio possui uma patologia central potencial.

Quinto, embora Erikson tenha se referido a seus oito estágios como *estágios psicossociais*, ele nunca perdeu de vista o aspecto biológico do desenvolvimento humano.

Sexto, os eventos nos estágios iniciais não causam o desenvolvimento posterior da personalidade. A identidade do ego é moldada por uma *multiplicidade de conflitos e eventos* – passados, presentes e previstos.

Sétimo, durante cada estágio, de forma mais evidente a partir da adolescência, o desenvolvimento da personalidade é caracterizado por uma *crise de identidade*, a qual Erikson (1968) chamou de “ponto de virada, um período crucial de vulnerabilidade e potencial aumentados” (p. 96). Assim, durante cada crise, uma pessoa é especialmente suscetível a modificações importantes na identidade, positivas ou negativas. Contrário ao uso popular, uma crise de identidade não é um evento catastrófico, mas uma oportunidade para o ajustamento adaptativo ou desadaptado.

Os oito estágios de Erikson do desenvolvimento psicossocial são apresentados na Figura 8.2. As palavras em letra maiúscula e negrito são as qualidades do ego, ou forças básicas que emergem de conflitos ou crises psicossociais que tipificam cada período. O *versus* separando os elementos sintônicos e distônicos significa não somente uma relação antitética, mas também complementar. Apenas os quadros na diagonal estão preenchidos; isto é, a Figura 8.2 destaca apenas as forças básicas e as crises psicossociais que são mais características de cada estágio do desenvolvimento. No entanto, o princípio epigenético sugere que todos os outros quadros seriam preenchidos (como na Fig. 8.1), embora com outros itens, menos característicos do seu estágio do desenvolvimento psicossocial. Cada item no conjunto é vital para o desenvolvimento da personalidade, e cada um está relacionado a todos os outros.

Estágio	Partes							
	A	B	C	D	E	F	G	H
Velhice 8								SABEDORIA Integridade versus desespero, desgosto
							CUIDADO Generatividade versus estagnação	
						AMOR Intimidade versus isolamento		
					FIDELIDADE Identidade versus confusão de identidade			
				COMPETÊNCIA Diligência versus inferioridade				
			PROpósito Iniciativa versus culpa					
		VONTADE Autonomia versus vergonha e dúvida						
	ESPERANÇA Confiança básica versus desconfiança básica							

**FIGURA 8.2** Oito estágios do desenvolvimento de Erikson, com suas forças básicas apropriadas e crises psicossociais.

Reimpressa de *O ciclo da vida completa: uma revisão*, de Erik H. Erikson, com permissão de W. W. Norton e Company, Inc. Copyright © 1982, Rikan Enterprises, Ltd.

## Lactânciа

O estágio psicossocial inicial é a **lactânciа**, um período que abrange aproximadamente o primeiro ano de vida e equivale à fase oral do desenvolvimento de Freud. No entanto, o modelo de Erikson adota um foco mais amplo do que a fase oral de Freud, que era preocupado quase que de forma exclusiva com a boca. Para Erikson (1963, 1989), a lactânciа é uma época de *incorporação*, com os bebês “ingerindo” não só pela boca, mas também por meio de seus vários órgãos do sentido. Pelos olhos, por exemplo, os bebês ingerem os estímulos visuais. Quando ingerem o alimento e as informações sensoriais, os bebês aprendem a confiar ou a desconfiar do mundo externo, uma situação que lhes dá esperança realista. A lactânciа, então, é marcada pelo modo psicossexual *oral-sensorial*, pela crise psicossocial de *confiança básica versus desconfiança básica* e pela força básica da *esperança*.

### Modo oral-sensorial

A visão expandida de Erikson da lactânciа é manifesta por meio do termo **oral-sensorial**, uma expressão que inclui

o principal modo de adaptação *psicossexual* dos bebês. O estágio oral-sensorial é caracterizado por dois modos de incorporação – receber e aceitar o que é dado. Os bebês podem receber mesmo na ausência de outra pessoa, isto é, eles podem incorporar ar pelos pulmões e podem receber dados sensoriais sem ter que manipular os outros. O segundo modo de incorporação, no entanto, implica um contexto social. Os bebês não só *recebem*, mas também precisam de mais alguém para *dar*. Esse treinamento precoce em relações interpessoais os ajuda a aprender a se tornarem doadores. Ao conseguirem que outras pessoas deem, eles aprendem a confiar ou a desconfiar de outros indivíduos, estabelecendo, assim, uma *crise psicossocial* básica do lactente, a saber: *confiança básica versus desconfiança básica*.

### Confiança básica versus desconfiança básica

As relações interpessoais mais significativas dos bebês são com seu cuidador primário, em geral a mãe. Se percebem que a mãe lhes dará alimento regularmente, eles começam a aprender *confiança básica*; se ouvem regularmente a voz agradável e ritmada da mãe, eles desenvolvem mais

confiança básica; se podem se basear em um ambiente visual estimulante, eles solidificam a confiança básica ainda mais. Em outras palavras, se o padrão de aceitação das coisas corresponde ao modo da cultura de dar as coisas, os bebês aprendem confiança básica. Todavia, eles aprendem *desconfiança básica* se não encontram correspondência entre suas necessidades orais-sensoriais e o ambiente.

A confiança básica tende a ser sintônica; e a desconfiança básica, distônica. No entanto, os bebês precisam desenvolver ambas as atitudes. Confiança demais os torna ingênuos e vulneráveis aos caprichos do mundo, enquanto pouca confiança conduz a frustração, raiva, hostilidade, cinismo ou depressão.

Tanto a confiança quanto a desconfiança são experiências inevitáveis. Todos os bebês que sobreviveram foram alimentados e cuidados e, portanto, têm alguma razão para confiar. Além disso, todos foram frustrados pela dor, pela fome ou pelo desconforto e, assim, têm uma razão para desconfiar. Erikson acreditava que alguma proporção entre confiança e desconfiança é essencial para a capacidade das pessoas de se adaptarem. Ele contou a Richard Evans (1967) que, “quando entramos em uma situação, precisamos ser capazes de diferenciar o quanto podemos confiar e o quanto devemos desconfiar, e uso desconfiança no sentido de uma prontidão para o perigo e uma antecipação de desconforto” (p. 15).

O choque inevitável entre a confiança básica e a desconfiança básica resulta na primeira crise psicossocial das pessoas. Se essa crise for resolvida com sucesso, elas adquirirão sua primeira força básica: a *esperança*.

### **Esperança: a força básica da lactânciа**

A esperança emerge do conflito entre confiança básica e desconfiança básica. Sem a relação antitética entre confiança e desconfiança, as pessoas não conseguem desenvolver esperança. Os bebês precisam experimentar fome, dor e desconforto, assim como o alívio dessas condições desagradáveis. Ao terem experiências dolorosas e prazerosas, os bebês aprendem a esperar que as angústias futuras sejam atendidas com resultados satisfatórios.

Se os bebês não desenvolvem esperança suficiente durante o período de lactânciа, eles demonstram a antítese ou o oposto da esperança: o *retraimento*, a *patologia central* do lactente. Com pouco a esperar, eles se retiram do mundo externo e começam a jornada em direção a graves transtornos psicológicos.

### **Infância precoce**

O segundo estágio psicossocial é a **infância precoce**, um período paralelo à fase anal de Freud, o qual abrange, aproximadamente, o 2º e o 3º ano de vida. Mais uma vez, existem algumas diferenças entre as visões de Freud e Erikson. No Capítulo 2, explicamos que Freud considerava o ânus

como zona erógena primária ao longo dessa fase e que, durante o começo da fase anal-sádica, as crianças sentem prazer em destruir ou perder objetos, enquanto, posteriormente, elas obtêm satisfação em defecar.

Tal como em relação ao estágio anterior, Erikson adotou uma visão mais ampla. Para ele, as crianças pequenas obtêm prazer não só ao dominarem o músculo esfincteriano, mas também ao dominarem outras funções corporais como urinar, caminhar, jogar, segurar, entre outras. Além disso, as crianças desenvolvem um senso de controle sobre seu ambiente interpessoal, assim como uma medida de autocontrole. Contudo, a infância precoce é uma época de experimentar dúvida e vergonha, quando as crianças percebem que muitas de suas tentativas de autonomia não são bem-sucedidas.

### **Modo anal-uretral-muscular**

Durante o segundo ano de vida, o ajuste psicossexual primário das crianças é o modo **anal-uretral-muscular**. Nesse período, as crianças aprendem a controlar seu corpo, especialmente em relação a limpeza e mobilidade. A infância precoce é mais do que uma época de treinamento esfincteriano; é também uma época de aprender a caminhar, correr, abraçar os pais e se apegar aos brinquedos e a outros objetos. Nessas atividades, as crianças pequenas podem exibir algumas tendências a oposição. Elas podem reter suas fezes ou eliminá-las segundo sua vontade, aconchegar-se à mãe ou empurrá-la de forma abrupta, ter prazer em acumular objetos ou descartá-los com frieza.

A infância precoce é uma época de contradição, um momento de rebeldia obstinada e meiga complacência, uma etapa de autoexpressão *impulsiva* e desvio *compulsivo*, uma fase de cooperação amorosa e resistência odiosa. Essa insistência obstinada em impulsos conflitantes desencadeia a principal crise psicossocial da infância: autonomia *versus* vergonha e dúvida (Erikson, 1968).

### **Autonomia versus vergonha e dúvida**

Se a infância precoce é um período para autoexpressão e *autonomia*, então ela também é um momento de *vergonha* e *dúvida*. Quando as crianças expressam com persistência seu modo anal-uretral-muscular, é provável que encontrem uma cultura que tente inibir parte de sua autoexpressão. Os pais podem causar vergonha em seus filhos por sujarem suas calças ou por fazerem bagunça com a comida. Eles também podem incutir dúvida ao questionarem a capacidade das crianças de corresponderem a seus padrões. O conflito entre autonomia, por um lado, e vergonha e dúvida, por outro, torna-se a principal crise psicossocial na infância precoce.

De modo ideal, as crianças devem desenvolver uma proporção adequada entre autonomia e vergonha e dúvida, e a proporção deve ser a favor da autonomia, a qualidade sintônica da infância precoce. As crianças que desenvolvem

pouca autonomia terão dificuldades em estágios posteriores, carecendo das forças básicas das etapas anteriores.

De acordo com os diagramas epigenéticos de Erikson (ver Figs. 8.1 e 8.2), a autonomia se desenvolve a partir da confiança básica; se a confiança básica foi estabelecida no período da lactânci, então as crianças aprendem a ter fé em si mesmas e seu mundo permanece intacto enquanto elas experimentam uma crise psicossocial leve. Todavia, se o lactente não desenvolveu confiança básica no período adequado, suas tentativas de obter controle de seus órgãos anais, uretrais e musculares durante a infância precoce serão atingidas com um forte senso de vergonha e dúvida, estabelecendo uma crise psicossocial grave. *Vergonha* é um sentimento de autoconsciência, de ser olhado e estar exposto. *Dúvida*, por sua vez, é o sentimento de não estar certo, o sentimento de que algo permanece oculto e não pode ser visto. Tanto a vergonha quanto a dúvida são qualidades distônicas, e ambas se desenvolvem a partir da desconfiança básica que foi estabelecida no período de lactânci.

### **Vontade: a força básica da infância precoce**

A força básica da *vontade* ou determinação se desenvolve a partir da resolução da crise de autonomia *versus* vergonha e dúvida. Esse passo é o começo do livre-arbítrio e da força de vontade – mas somente um começo. A força de vontade madura e uma medida significativa do livre-arbítrio estão reservadas para estágios posteriores do desenvolvimento, mas se originam na vontade rudimentar que emerge durante a infância precoce. Qualquer um que passou muito tempo com crianças de cerca de 2 anos sabe o quanto elas podem ser obstinadas. O treinamento esfíncteriano, com frequência, resume o conflito de vontades entre adulto e criança, mas a expressão obstinada não está limitada a essa área. O conflito básico durante a infância precoce está entre a luta da criança pela autonomia e as tentativas dos pais de controlar a criança pelo uso de vergonha e dúvida.

As crianças desenvolvem a vontade somente quando seu ambiente permite alguma autoexpressão em seu controle dos esfincteres e de outros músculos. Quando suas experiências resultam em vergonha e dúvida excessivas, as crianças não desenvolvem de modo adequado essa segunda força básica importante. A vontade inadequada será expressa como *compulsão*, a patologia central da infância precoce. Pouca vontade e muita compulsividade se transportam para a idade do jogo como falta de propósito e para a idade escolar como falta de confiança.

### **Idade do jogo**

O terceiro estágio do desenvolvimento de Erikson é a **idade do jogo**, um período que abrange a mesma época da fase fálica de Freud – em torno de 3 a 5 anos. Mais uma vez, surgem diferenças entre as visões de Freud e Erikson.

Enquanto Freud colocava o complexo de Édipo no centro da fase fálica, Erikson acreditava que o complexo de Édipo é apenas um dos desenvolvimentos importantes durante a idade do jogo. Erikson (1968) argumentava que, além de se identificar com seus pais, as crianças em idade pré-escolar estão aperfeiçoando a locomoção, as habilidades de linguagem, a curiosidade, a imaginação e a capacidade de estabelecer objetivos.

### **Modo genital-locomotor**

O modo psicossexual primário durante a idade do jogo é o **genital-locomotor**. Erikson (1982) entendia a situação edípica como um protótipo “do poder ao longo da vida da capacidade lúdica humana” (p. 77). Em outras palavras, o complexo de Édipo é um drama encenado na imaginação da criança e inclui o começo da compreensão de conceitos básicos como reprodução, crescimento, futuro e morte. Os complexos de Édipo e de castração, portanto, nem sempre são considerados literalmente. Uma criança pode brincar de ser uma mãe, um pai, uma esposa ou um marido, mas esse brinquedo é uma expressão não só do modo genital como também das habilidades locomotoras que se desenvolvem rapidamente na criança. Uma menina pode invejar os meninos, não porque os meninos possuem um pênis, mas porque a sociedade concede mais prerrogativas às crianças com um pênis. Um menino pode ter ansiedade quanto a perder algo, mas essa ansiedade refere-se não só ao pênis, mas também a outras partes do corpo. O complexo de Édipo, então, é algo além do que Freud acreditava, uma sexualidade infantil é “uma mera promessa de coisas que estão por vir” (Erikson, 1963, p. 86). A menos que o interesse sexual seja promovido pelo jogo sexual cultural ou por abuso sexual adulto, o complexo de Édipo não produz efeitos prejudiciais no desenvolvimento posterior da personalidade.

O interesse que as crianças na idade do jogo têm pela atividade genital é acompanhado por sua crescente facilidade de locomoção. Elas agora podem se movimentar com facilidade, correr, saltar e escalar sem esforço consciente; e seu jogo apresenta iniciativa e imaginação. Sua vontade rudimentar, associada ao estágio precedente, está agora se desenvolvendo e se transformando em atividade com um *propósito*. As habilidades cognitivas das crianças possibilitam produzir fantasias elaboradas que incluem fantasias edípicas, além de permitirem imaginar como é ser crescido, onipotente ou um animal feroz. Essas fantasias, entretanto, também produzem culpa e, assim, contribuem para a crise psicossocial da idade do jogo, a saber, iniciativa *versus* culpa.

### **Iniciativa versus culpa**

Quando as crianças começam a se movimentar com mais facilidade e mais vigor e quando desperta seu interesse ge-

nital, elas adotam um modo direto radical de aproximação com o mundo. Ainda que tomem a *iniciativa* em sua seleção e busca de objetivos, muitos objetivos, como se casar com um dos pais ou sair de casa, devem ser reprimidos ou adiados. A consequência desses objetivos-tabu inibidos é a *culpa*. O conflito entre iniciativa e culpa se torna a crise psicossocial dominante na idade do jogo.

Mais uma vez, a proporção entre essas duas deve favorecer a qualidade sintônica iniciativa. A iniciativa desenfreada, no entanto, pode levar ao caos e a uma falta de princípios morais. Todavia, se a culpa for o elemento dominante, as crianças podem tornar-se compulsivamente moralistas ou muito inibidas. A *inibição*, que é a aversão ao propósito, constitui a patologia central da idade do jogo.

### **Propósito: a força básica da idade do jogo**

O conflito iniciativa *versus* culpa produz a força básica do *propósito*. As crianças, agora, jogam com um propósito: competir em jogos para vencer ou estar no topo. Seus interesses genitais têm uma direção, com a mãe ou o pai sendo o objeto de seus desejos sexuais. Elas definem objetivos e os perseguem com um propósito. A idade do jogo também é o estágio em que as crianças estão desenvolvendo uma consciência e começando a atribuir rótulos como certo e errado a seu comportamento. Essa consciência juvenil se transforma no pilar da moralidade" (Erikson, 1968, p. 119).

### **Idade escolar**

O conceito de Erikson de **idade escolar** abrange o desenvolvimento dos 6 a aproximadamente 12 ou 13 anos e se compara aos anos de latência da teoria de Freud. Nessa faixa etária, o mundo social das crianças está se expandindo para além da família, para incluir amigos, professores e outros modelos adultos. Para as crianças em idade escolar, seu desejo de saber se torna forte e está vinculado a seu esforço básico pela competência. No desenvolvimento normal, as crianças empenham-se com diligência em ler e escrever, caçar e pescar, ou aprender as habilidades requeridas por sua cultura. Idade escolar não significa, necessariamente, frequentar escolas formais. Nas culturas letradas contemporâneas, as escolas e os professores profissionais desempenham uma parte importante na educação das crianças, enquanto, nas sociedades pré-escrita, os adultos usam métodos menos formais, mas igualmente efetivos, de ensinar às crianças como funciona a sociedade.

### **Latência**

Erikson concordava com Freud que a idade escolar é um período de **latência** psicossexual. A latência psicossexual é importante porque permite às crianças desviar suas energias para o aprendizado da tecnologia de sua cultura e as estratégias de suas interações sociais. Quando as crianças

trabalham e jogam para adquirir esses pontos fundamentais, elas começam a formar uma imagem de si mesmas como competentes ou incompetentes. Essas autoimagens são a origem da *identidade do ego* – aquele sentimento de "eu" ou "mim" que se desenvolve de forma mais integral durante a adolescência.

### **Diligência versus inferioridade**

Ainda que a idade escolar seja um período de pouco desenvolvimento sexual, é um momento de grande crescimento social. A crise psicossocial desse estágio é diligência *versus* inferioridade. *Diligência*, uma qualidade sintônica, significa empenho, uma disposição para permanecer ocupado com algo e terminar um trabalho. As crianças em idade escolar aprendem a trabalhar e a jogar em atividades direcionadas à aquisição de habilidades de trabalho e ao aprendizado das regras de cooperação.

Quando as crianças aprendem a fazer as coisas bem, elas desenvolvem um senso de diligência, mas, se seu trabalho é insuficiente para atingir os objetivos, elas adquirem um senso de *inferioridade* – a qualidade distônica da idade escolar. Inadequações anteriores também podem contribuir para os sentimentos de inferioridade. Por exemplo, se as crianças adquirem culpa excessiva e pouco propósito durante a idade do jogo, provavelmente se sentirão inferiores e incompetentes durante a idade escolar. Entretanto, o fracasso não é inevitável. Erikson era otimista ao sugerir que as pessoas podem lidar de modo bem-sucedido com a crise de determinado estágio, mesmo que não tenham obtido êxito por completo em estágios prévios.

A proporção entre diligência e inferioridade deve, é claro, favorecer a primeira, mas a inferioridade, como outras qualidades distônicas, não deve ser evitada. Conforme Alfred Adler (Cap. 3) apontou, a inferioridade pode servir como um impulso para a pessoa ser melhor. Em contrapartida, o excesso de inferioridade pode bloquear a atividade produtiva e colocar em risco os sentimentos de competência.

### **Competência: a força básica da idade escolar**

A partir do conflito diligência *versus* inferioridade, as crianças em idade escolar desenvolvem a força básica de *competência*: ou seja, a confiança para usar as próprias habilidades físicas e cognitivas para resolver os problemas que acompanham a idade escolar. A competência lança as bases para a "participação cooperativa na vida adulta produtiva" (Erikson, 1968, p. 126).

Se a luta entre diligência e inferioridade favorece a inferioridade ou uma superabundância de diligência, é provável que as crianças desistam e regredam para um estágio anterior do desenvolvimento. Elas podem se tornar preocupadas com fantasias genitais infantis e edípicas e passar a maior parte do tempo em brincadeiras não produtivas.

Essa regressão é chamada de *inércia*, a antítese da competência e a patologia central da idade escolar.

## Adolescência

A **adolescência**, período da puberdade até o início da idade adulta, é um dos estágios do desenvolvimento mais cruciais, porque, no final desse período, uma pessoa precisa adquirir um sentimento firme de *identidade do ego*. Ainda que a identidade do ego não comece nem termine durante a adolescência, a crise entre *identidade* e *confusão de identidade* alcança seu ápice durante esse estágio. A partir dessa crise de identidade *versus* confusão de identidade, emerge a *fidelidade*, a força básica da adolescência.

Erikson (1982) considerava a adolescência um período de latência *social*, assim como a idade escolar é uma época de latência *sexual*. Mesmo que os adolescentes estejam desenvolvendo-se sexual e cognitivamente, na maioria das sociedades ocidentais, é permitido a eles adiar compromissos duradouros com uma ocupação, um parceiro sexual ou uma filosofia de vida adaptativa. Aos adolescentes é permitido experimentar de várias formas e testar novos papéis e crenças enquanto procuram estabelecer um sentimento de identidade do ego. A adolescência, então, é uma fase adaptativa do desenvolvimento da personalidade, um período de tentativa e erro.

## Puberdade

A *puberdade*, definida como maturação genital, desempenha um papel relativamente menor no conceito de adolescência de Erikson. Para a maioria dos jovens, a maturação genital não apresenta crises sexuais importantes. No entanto, a puberdade é psicologicamente relevante, porque

desencadeia expectativas quanto aos papéis adultos ainda mais adiante – os quais são essencialmente sociais e podem ser preenchidos por meio de uma luta para atingir a identidade do ego.

## Identidade versus confusão de identidade

A procura pela *identidade* do ego alcança seu ápice durante a adolescência, quando os jovens se esforçam para descobrir quem são e quem não são. Com a chegada da puberdade, os adolescentes procuram novos papéis para ajudá-los a descobrir sua identidade sexual, ideológica e ocupacional. Nessa busca, valem-se de uma variedade de autoimagens anteriores que foram aceitas ou rejeitadas. Assim, as sementes da identidade começam a brotar durante o período de lactâncio e continuam a crescer durante a infância precoce, a idade do jogo e a idade escolar. Então, na adolescência, a identidade se fortalece dentro de uma crise, quando os jovens aprendem a lidar com o conflito psicossocial da identidade *versus* confusão de identidade.

Uma crise não deve sugerir uma ameaça ou catástrofe, mas um “ponto de virada, um período crucial de vulnerabilidade aumentada e potencial elevado” (Erikson, 1968, p. 96). Uma crise de identidade pode durar muitos anos e resultar em maior ou menor força do ego.

De acordo com Erikson (1982), a identidade emerge de duas fontes: (1) a afirmação ou o repúdio dos adolescentes em relação às identificações da infância; e (2) seu contexto histórico e social, que encoraja a conformidade a certos padrões. Os jovens, com frequência, rejeitam os padrões de seus pais, preferindo, em vez disso, os valores de um grupo de amigos ou de uma turma. De qualquer forma,



A busca pela identidade no final da adolescência inclui a descoberta da identidade sexual.

a sociedade desempenha um papel substancial ao moldar sua identidade.

A identidade é definida de forma tanto positiva quanto negativa, quando os adolescentes estão decidindo o que desejam ser e em que acreditam, enquanto também descobrem o que *não* desejam ser e em que *não* acreditam. Muitas vezes, eles precisam repudiar os valores dos pais ou rejeitar os do grupo de pessoas da mesma idade, um dilema que pode intensificar sua *confusão de identidade*.

A confusão de identidade é uma condição que inclui autoimagem dividida, incapacidade de estabelecer intimidade, sentimento de urgência de tempo, falta de concentração nas tarefas requeridas e rejeição dos padrões familiares ou da comunidade. Como acontece com outras tendências distônicas, alguma quantidade de confusão de identidade não só é normal como necessária. Os jovens precisam experimentar alguma dúvida e confusão acerca de quem eles são antes que possam desenvolver uma identidade estável. Eles podem sair de casa (como Erikson fez) para perambular sozinhos na busca pelo *self*; experimentar drogas e sexo; identificar-se com uma gangue; associar-se a uma ordem religiosa; ou se mobilizar contra a sociedade, sem respostas alternativas. Ou eles podem simplesmente, e de forma silenciosa, considerar onde se enquadram no mundo e que valores lhes são caros.

Mais uma vez, a teoria de Erikson é coerente com sua própria vida. Aos 18 anos de idade e se sentindo alienado em relação aos padrões de sua família burguesa, Erikson partiu em busca de um estilo de vida diferente. Com dotes para o desenho e com mais confusão de identidade do que identidade, ele passou os sete anos seguintes perambulando pelo Sul da Europa à procura de uma identidade como artista. Erikson (1975) se referiu a esse estágio da vida como uma época de insatisfação, rebeldia e confusão de identidade.

Apesar de a confusão de identidade ser uma parte necessária da busca pela identidade, a confusão excessiva pode conduzir a adaptação patológica, em forma de regressão a estágios anteriores do desenvolvimento. Podemos adiar as responsabilidades da idade adulta e ficar à deriva, sem objetivos, de um emprego para outro, de um parceiro sexual para outro, ou de uma ideologia para outra. Em contrapartida, se desenvolvemos a proporção adequada entre identidade e confusão de identidade, teremos (1) fé em algum tipo de princípio ideológico, (2) a capacidade de decidir livremente como devemos nos comportar, (3) confiança em nossos pares e adultos que nos aconselham acerca de objetivos e aspirações e (4) confiança em nossa escolha de uma ocupação eventual.

### **Fidelidade: a força básica da adolescência**

A força básica que emerge da crise de identidade adolescente é a *fidelidade*, ou fé em sua própria ideologia. Depois de

estabelecer seus padrões internos de conduta, os adolescentes não precisam mais da orientação parental, pois têm confiança em suas próprias ideologias religiosas, políticas e sociais.

A confiança aprendida pelo lactente é básica para a fidelidade na adolescência. Os jovens precisam aprender a confiar nos outros antes que possam ter fé em sua própria visão do futuro. Eles precisam desenvolver esperança quando lactentes e devem dar seguimento à esperança com as outras forças básicas: vontade, propósito e competência. Cada uma dessas forças é um pré-requisito para a fidelidade, assim como a fidelidade é essencial para a aquisição de forças de ego subsequentes.

A contrapartida da fidelidade é o **repúdio do papel**, a patologia central da adolescência que bloqueia a capacidade de sintetizar várias autoimagens e valores em uma identidade funcional. O repúdio do papel pode assumir a forma de desconfiança ou desafio (Erikson, 1982). *Desconfiança* é uma falta extrema de autoconfiança, expressa como timidez ou hesitação em se expressar. Em contraste, desafio é o ato de se rebelar contra a autoridade. Os adolescentes desafiadores apegam-se obstinadamente a crenças e práticas inaceitáveis no âmbito social apenas porque essas crenças e práticas são inadmissíveis. Erikson acreditava que alguma quantidade de repúdio do papel é necessária, não só porque permite que os adolescentes desenvolvam sua identidade pessoal, mas também porque injeta algumas ideias novas na estrutura social e a revigora.

### **Início da idade adulta**

Depois de alcançar um sentimento de identidade durante a adolescência, os indivíduos precisam adquirir a capacidade de fundir essa identidade com a identidade de outra pessoa, ao mesmo tempo mantendo sua noção de individualidade. O **início da idade adulta** – uma época aproximadamente entre 19 e 30 anos – está circunscrito não tanto pelo tempo quanto pela aquisição da *intimidade* no começo do estágio e pelo desenvolvimento da *genitatividade* no final. Para algumas pessoas, esse estágio é um tempo relativamente curto, durando talvez apenas alguns anos. Para outras, o estágio de jovem adulto pode continuar por várias décadas. Os jovens adultos devem desenvolver a *genitalidade* madura, experimentar o conflito entre *intimidade* e *isolamento* e adquirir uma força básica de *amor*.

### **Genitalidade**

Muito da atividade sexual durante a adolescência é uma expressão da busca pela identidade e está, basicamente, a serviço do próprio adolescente. A verdadeira **genitalidade** pode se desenvolver somente durante o início da idade adulta, quando ela é distinguida por confiança mútua e pelo compartilhamento estável das satisfações sexuais com

uma pessoa amada. Trata-se da principal conquista psicossexual do início da idade adulta e existe apenas em uma relação íntima (Erikson, 1963).

### **Intimidade versus isolamento**

O início da idade adulta é marcado pela crise psicossocial intimidade *versus* isolamento. **Intimidade** é a capacidade de fundir a própria identidade com a de outra pessoa sem medo de perdê-la. Como a intimidade pode ser alcançada somente depois que as pessoas formaram um ego estável, as paixões encontradas com frequência no início da adolescência não são intimidade verdadeira. As pessoas que estão inseguras com sua identidade podem se retrair da intimidade psicossocial ou procurar intimidade desesperadamente, por meio de encontros sexuais sem significado.

Em contraste, intimidade madura significa a capacidade e a disposição para compartilhar uma confiança mútua. Ela envolve sacrifício, concessão e comprometimento em um relacionamento entre dois iguais. Ela deve ser um requisito para o casamento, porém muitos casamentos carecem de intimidade, porque algumas pessoas jovens se casam como parte da busca pela identidade que elas não conseguiram estabelecer durante a adolescência.

A contrapartida psicossocial da intimidade é o **isolamento**, definido como “a incapacidade de arriscar a própria identidade compartilhando a verdadeira intimidade” (Erikson, 1968, p. 137). Algumas pessoas se tornam bem-sucedidas financeira ou socialmente e, no entanto, mantêm um sentimento de isolamento, porque são incapazes de aceitar as responsabilidades adultas do trabalho produtivo, da procriação e do amor maduro.

Mais uma vez, algum grau de isolamento é essencial antes que se possa adquirir o amor maduro. A intimidade excessiva pode diminuir o senso de identidade do ego, o que pode levar a pessoa à regressão psicossocial e à incapacidade de enfrentar o estágio seguinte do desenvolvimento. O maior perigo, é claro, é o isolamento excessivo, pouca intimidade e uma deficiência na força básica do amor.

### **Amor: a força básica do início da idade adulta**

O **amor**, a força básica do início da idade adulta, emerge da crise de intimidade *versus* isolamento. Erikson (1968, 1982) definiu amor como a devoção madura que supera as diferenças básicas entre homens e mulheres. Ainda que o amor inclua intimidade, ele também contém algum grau de isolamento, pois é permitido que cada parceiro mantenha uma identidade separada. Amor maduro significa comprometimento, paixão sexual, cooperação, competição e amizade. Ele é a força básica do início da idade adulta, possibilitando que uma pessoa enfrente de modo produtivo os dois estágios finais do desenvolvimento.

A antítese do amor é a **exclusividade**, a patologia central do início da idade adulta. Alguma exclusividade, no entanto, é necessária para a intimidade; ou seja, uma pessoa precisa ser capaz de excluir certos indivíduos, atividades e ideias para desenvolver um sentimento de identidade forte. A exclusividade se torna patológica quando ela bloqueia a capacidade de cooperar, competir ou se comprometer – todos esses ingredientes são pré-requisitos para a intimidade e o amor.

### **Idade adulta**

O sétimo estágio do desenvolvimento é a **idade adulta**, época em que as pessoas começam a tomar seu lugar na sociedade e a assumir responsabilidade pelo que a sociedade produz. Para a maioria, esse é o estágio mais longo do desenvolvimento, estendendo-se dos 31 aos 60 anos. A idade adulta é caracterizada pelo modo psicossexual da **procriatividade**, pela crise social da **generatividade** *versus* **estagnação** e pela força básica do *cuidado*.

### **Procriatividade**

A teoria psicossexual de Erikson pressupõe um impulso instintivo para perpetuar a espécie. O impulso é a contrapartida do instinto de um animal adulto em direção à procriação, uma extensão da genitalidade que marca o início da idade adulta (Erikson, 1982). Entretanto, **procriatividade** é mais do que o contato genital com um parceiro íntimo. Ela inclui assumir a responsabilidade pelos cuidados da prole que resulta desse contato sexual. De maneira ideal, a procriação deve vir depois que a intimidade e o amor maduro se estabeleceram no estágio precedente. Obviamente, as pessoas são capazes, no âmbito físico, de gerar uma prole antes de estarem prontas no âmbito psicológico para cuidar do bem-estar dessas crianças.

A idade adulta madura demanda mais do que procriar; ela inclui cuidar dos próprios filhos, assim como dos filhos de outras pessoas. Além disso, ela abrange trabalhar produtivamente para transmitir cultura de uma geração para a seguinte.

### **Generatividade versus estagnação**

A qualidade sintônica da idade adulta é a **generatividade**, definida como “a geração de novos seres, bem como de novos produtos e novas ideias” (Erikson, 1982, p. 67). Generatividade, que se refere ao estabelecimento e à orientação da geração seguinte, inclui a geração de filhos, a produção de trabalho e a criação de coisas e ideias novas que contribuem para a construção de um mundo melhor.

As pessoas têm necessidade não só de aprender, mas também de ensinar. Essa necessidade se estende além dos próprios filhos, envolvendo uma preocupação altruísta com os outros jovens. A generatividade se desenvolve a partir de qualidades sintônicas anteriores, como intimida-

de e identidade. Conforme observado, intimidade requer a capacidade de fundir o próprio ego ao de outra pessoa sem medo de perdê-lo. Tal unidade de identidades do ego leva a uma expansão gradual dos interesses. Durante a idade adulta, a intimidade um a um já não é mais suficiente. Outras pessoas, especialmente as crianças, tornam-se parte de nossas preocupações. Instruir os outros nos caminhos da cultura é uma prática encontrada em todas as sociedades. Para o adulto maduro, essa motivação não é meramente uma obrigação ou uma necessidade egoísta, mas um impulso evolutivo de contribuir para as gerações posteriores e também assegurar a continuidade da sociedade humana.

A antítese da generatividade é a *autoabsorção* e a *estagnação*. O ciclo geracional de produtividade e criatividade é prejudicado quando as pessoas se tornam muito absorvidas em si mesmas, excessivamente autoindulgentes. Tal atitude estimula um sentimento generalizado de estagnação. Contudo, alguns elementos de estagnação e autoabsorção são necessários. As pessoas criativas precisam, às vezes, permanecer em um estágio dormente e ser absorvidas em si mesmas para, por fim, gerarem novo crescimento. A interação entre generatividade e estagnação produz cuidado, a força básica da idade adulta.

### **Cuidado: a força básica da idade adulta**

Erikson (1982) define **cuidado** como “uma ampliação do comprometimento em cuidar das pessoas, dos produtos e das ideias com os quais a pessoa aprendeu a se preocupar” (p. 67). Como força básica da idade adulta, o cuidado surge de cada força básica anterior do ego. É preciso ter esperança, vontade, propósito, competência, fidelidade e amor

para cuidar daquilo com que nos preocupamos. O cuidado não é um dever ou uma obrigação, mas um desejo natural que surge do conflito entre generatividade e estagnação ou autoabsorção.

A antítese do cuidado é a *rejeição*, a patologia central da idade adulta. A rejeição é a indisponibilidade para cuidar de certas pessoas ou grupos (Erikson, 1982). Manifesta-se como egocentrismo, provincialismo ou *pseudoespeciação*, ou seja, a crença de que outros grupos de pessoas são inferiores ao seu. Ela é responsável por muito do ódio humano, da destruição, das atrocidades e das guerras. Conforme disse Erikson, a rejeição “tem implicações de longo alcance para a sobrevivência da espécie, assim como para o desenvolvimento psicosocial de cada indivíduo” (p. 70).

### **Velhice**

O oitavo e último estágio do desenvolvimento é a **velhice**. Erikson estava no começo da década dos 40 anos quando conceitualizou esse estágio pela primeira vez e definiu-o, de forma arbitrária, como o período que se estende desde os 60 anos até o final da vida. Velhice não precisa significar que as pessoas não são mais generativas. A procriação, no sentido mais restrito de produzir filhos, pode estar ausente e, no entanto, as pessoas permanecem produtivas e criativas de outras maneiras. Elas podem ser avós atenciosos com seus netos e também com outros membros mais jovens da sociedade. A velhice pode ser uma época de alegria, diversão e encanto, mas também pode ser um momento de senilidade, depressão e desespero. O modo psicossexual da velhice é a *sensualidade generalizada*; e a força básica é a *sabedoria*.



Os estágios do desenvolvimento de Erikson se estendem até a velhice.

## Sensualidade generalizada

O estágio psicossexual final é a *sensualidade generalizada*. Erikson tinha pouco a dizer sobre esse modo de vida psicossexual, mas pode-se inferir que significa obter prazer por meio de uma variedade de sensações físicas – imagens, sons, sabores, odores, abraços e, talvez, estimulação genital. A sensualidade generalizada também pode incluir uma maior apreciação do estilo de vida tradicional do sexo oposto. Os homens se tornam mais atenciosos e aceitam mais os prazeres de relações não sexuais, incluindo aquelas com seus netos e bisnetos. As mulheres se tornam mais interessadas e envolvidas em política, finanças e questões mundiais (Erikson, Erikson, & Kivnick, 1986). Uma atitude sensual generalizada, no entanto, depende da capacidade do indivíduo de manter o controle das coisas, isto é, manter a integridade diante do desespero.

## Integridade versus desespero

A crise de identidade final de uma pessoa é *integridade versus desespero*. No final da vida, a qualidade distônica do desespero pode prevalecer, mas, para os indivíduos com uma identidade de ego forte que aprenderam intimidade e que cuidaram das pessoas e das coisas, a qualidade sintônica da integridade irá predominar. Integridade significa um sentimento de totalidade e coerência, uma capacidade de manter o controle sobre o próprio sentimento de “si”, apesar da redução da potência física e intelectual.



**ALÉM DA BIOGRAFIA (EM INGLÊS)** Quem era Erik Erikson? Para informações sobre a busca de toda uma vida por sua própria identidade, acesse [www.mhhe.com/feist8e](http://www.mhhe.com/feist8e).

A integridade do ego é, por vezes, difícil de manter quando as pessoas percebem que estão perdendo aspectos regulares de sua existência, tais como o cônjuge, os amigos, a saúde física, a força corporal, a acuidade mental, a independência e a utilidade social. Sob essa pressão, as pessoas têm com frequência um sentimento generalizado de desespero, o qual podem expressar como repúdio, depressão, desprezo pelos outros ou alguma outra atitude que revele a não aceitação das fronteiras finitas da vida.

Desespero, literalmente, significa estar sem esperança. Um reexame da Figura 8.2 revela que o desespero, a última qualidade distônica do ciclo de vida, está no extremo oposto da esperança, a primeira força básica de uma pessoa. Desde a lactâncio até a velhice, pode existir esperança. Depois que a esperança é perdida, segue-se o desespero, e a vida deixa de ter significado.

## Sabedoria: a força básica da velhice

Alguma quantidade de desespero é natural e necessária para a maturidade psicológica. A inevitável luta entre integridade e desespero produz *sabedoria*, a força básica da velhice. Erikson (1982) definiu sabedoria como “a preocupação informada e desapegada acerca da vida ante a própria morte” (p. 61). As pessoas com preocupação desapegada não carecem de preocupação; ao contrário, têm um interesse ativo, mas desapaixonado. Com sabedoria madura, elas mantêm sua integridade, apesar do declínio das habilidades físicas e mentais. A sabedoria recorre ao conhecimento tradicional, transmitido de uma geração a outra, e também contribui para ele. Na velhice, as pessoas estão preocupadas com questões derradeiras, incluindo a não existência (Erikson, Erikson, & Kivnick, 1986).

A antítese da sabedoria e a patologia central da velhice é o *desdém*, o qual Erikson (1982, p. 61) definiu como “uma reação a se sentir (e ver os outros) em um estado crescente de aniquilamento, confusão e desamparo”. O desdém é uma continuação da rejeição, a patologia central da idade adulta.

Conforme o próprio Erikson envelhecia, ele se tornava menos otimista quanto à velhice e, com sua esposa, começou a descrever um nono estágio – um período de idade muito avançada, em que as enfermidades físicas e mentais roubam das pessoas suas habilidades generativas e as reduzem à espera pela morte. Joan, em especial, ficou interessada nesse nono estágio enquanto via a saúde do marido deteriorar-se muito rápido durante os últimos anos de sua vida. Infelizmente, a própria Joan morreu antes de conseguir completar esse estágio.

## Resumo do ciclo de vida

O ciclo de vida de Erikson é resumido na Tabela 8.1. Cada um dos oito estágios é caracterizado por um modo psicossexual e por uma crise psicossocial. A crise psicossocial é estimulada por um conflito entre o elemento sintônico predominante e seu elemento distônico antitético. A partir desse conflito, emerge uma força básica, ou qualidade do ego. Cada força básica possui uma antítese subjacente, que se torna a patologia central do estágio correspondente. Os humanos têm um leque cada vez mais amplo de relações significativas, começando com a figura materna no período de lactâncio e terminando com uma identificação com toda a humanidade durante a velhice.

A personalidade sempre se desenvolve durante um período histórico particular e dentro de determinada sociedade. No entanto, Erikson acreditava que os oito estágios do desenvolvimento transcendem a cronologia e a geografia e são apropriados a quase todas as culturas, passadas e presentes.

**TABELA 8.1** Resumo dos oito estágios do ciclo de vida de Erikson

Estágio	Modo psicossexual	Crise psicossexual	Força básica	Patologia central	Relações significativas
<b>8</b> Velhice	Generalização dos modos sensuais	Integridade <i>versus</i> desespero	Sabedoria	Desdém	Toda a humanidade
<b>7</b> Idade adulta	Procriatividade	Generatividade <i>versus</i> estagnação	Cuidado	Rejeição	Trabalho dividido e cuidados da casa compartilhados
<b>6</b> Início da idade adulta	Genitalidade	Intimidade <i>versus</i> isolamento	Amor	Exclusividade	Parceiros sexuais, amigos
<b>5</b> Adolescência	Puberdade	Identidade <i>versus</i> confusão de identidade	Fidelidade	Repúdio do papel	Grupos de pares
<b>4</b> Idade escolar	Latência	Diligência <i>versus</i> inferioridade	Competência	Inércia	Vizinhança, escola
<b>3</b> Idade do jogo	Genital-locomotor infantil	Iniciativa <i>versus</i> culpa	Propósito	Inibição	Família
<b>2</b> Infância precoce	Anal-uretral-muscular	Autonomia <i>versus</i> vergonha e dúvida	Vontade	Compulsão	Pais
<b>1</b> Lactânci a	Oral-respiratório: sensorial-cinestésico	Confiança básica <i>versus</i> desconfiança básica	Esperança	Retraimento	Figura de maternagem

De *The Life Cycle Completed: A Review*, de Erik H. Erikson, Copyright © 1982, Rikan Enterprises, Ltd. Reimpressa com permissão de W. W. Norton e Company, Inc.

## MÉTODOS DE INVESTIGAÇÃO DE ERIKSON

Erikson insistia em que a personalidade é um produto da história, da cultura e da biologia, e seus diversos métodos de investigação refletem essa crença. Ele empregou métodos antropológicos, históricos, sociológicos e clínicos para aprender sobre crianças, adolescentes, adultos e americanos idosos. Ele estudou americanos de classe média, crianças europeias, o povo das nações Sioux e Yurok da América do Norte e até mesmo marinheiros em um submarino. Escreveu retratos biográficos de Adolf Hitler, Maxim Gorky, Martin Luther e Mohandas K. Gandhi, entre outros. Nesta seção, apresentamos duas abordagens que Erikson usou para explicar e descrever a personalidade humana: estudos antropológicos e psico-história.

### Estudos antropológicos

Em 1937, Erikson fez uma viagem de campo à Reserva Indígena Pine Ridge, em Dakota do Sul, para investigar as causas de apatia entre as crianças Sioux. Erikson (1963) relatou o treinamento precoce dos Sioux em termos de suas teorias em construção sobre o desenvolvimento psicossexual e psicossocial. Ele constatou que a apatia era a expressão de uma sujeição extrema que os Sioux desenvolveram como resultado da dependência de vários programas do governo federal. Em certa época, eles tinham sido corajosos caçadores de búfalos, mas, em 1937, os Sioux já tinham perdido sua identidade de grupo como caçadores e estavam tentando, sem entusiasmo e com muito custo, ganhar a vida como

fazendeiros. As práticas de criação dos filhos, que, no passado, haviam treinado os meninos a serem caçadores e as meninas a serem ajudantes e mães dos futuros caçadores, já não eram mais apropriadas para uma sociedade agrária. Em consequência, as crianças Sioux de 1937 tinham grande dificuldade em alcançar um sentimento de identidade do ego, em especial depois que chegavam à adolescência.

Dois anos depois, Erikson fez uma viagem de campo semelhante ao Norte da Califórnia para estudar o povo da nação Yurok, que vivia principalmente da pesca do salmão. Ainda que os Sioux e os Yurok tivessem culturas completamente divergentes, cada tribo tinha a tradição de treinar seus jovens nas virtudes de sua sociedade. O povo Yurok foi treinado para pescar e, portanto, não possuía um forte sentimento nacional e tinha pouco gosto pela guerra. Obter e guardar provisões e posses era altamente valorizado pelo povo da nação Yurok. Erikson (1963) conseguiu mostrar que o treinamento na infância precoce era coerente com esse forte valor cultural e que a história e a sociedade ajudavam a moldar a personalidade.

### Psico-história

A disciplina chamada **psico-história** é um campo controverso que combina conceitos psicanalíticos e métodos históricos. Freud (1910/1957) deu origem à psico-história com uma investigação sobre Leonardo da Vinci e, posteriormente, colaborou com o embaixador americano William Bullitt para escrever um extenso estudo psicológico do presidente Woodrow Wilson (Freud & Bullitt, 1967). Apesar

de Erikson (1975) ter deplorado este último trabalho, ele tomou os métodos da psico-história e os refinou, especialmente em seu estudo de Martin Luther (Erikson, 1958, 1975) e Mahatma Gandhi (Erikson, 1969, 1975). Tanto Luther quanto Gandhi tiveram um impacto importante na história, porque cada um era uma pessoa excepcional, com o conflito pessoal certo, vivendo durante um período histórico que precisava resolver coletivamente o que não podia ser solucionado de modo individual (E. Hall, 1983).

Erikson (1974) definiu psico-história como "o estudo da vida individual e coletiva com os métodos combinados da psicanálise e da história" (p. 13). Ele usou a psico-história para demonstrar suas crenças fundamentais de que cada pessoa é produto de seu momento histórico e que esses momentos históricos são influenciados por líderes excepcionais que experimentam um conflito de identidade pessoal.

Como autor de psico-história, Erikson acreditava que deveria envolver-se emocionalmente nesse assunto. Por exemplo, ele desenvolveu um forte apego emocional a Gandhi, que atribuía a sua própria busca de toda uma vida pelo pai que ele nunca tinha visto (Erikson, 1975). Em *A verdade de Gandhi (Gandhi's Truth)*, Erikson (1969) revelou sentimentos positivos fortes por Gandhi enquanto tentava responder à questão de como indivíduos sadios como ele elaboram o conflito e a crise quando outras pessoas são debilitadas por conflitos menores. Na busca por uma resposta, Erikson examinou todo o ciclo de vida de Gandhi, mas se concentrou em uma crise particular, a qual teve seu clímax quando, na meia-idade, o líder espiritual usou pela primeira vez o jejum autoimposto como arma política.

Quando criança, Gandhi era próximo de sua mãe, mas teve conflitos com seu pai. Em vez de considerar essa situação como um conflito edípico, Erikson a viu como a oportunidade de Gandhi de elaborar o conflito com figuras de autoridade – um ensejo que Gandhi teria muitas vezes durante sua vida.

Gandhi nasceu em 2 de outubro de 1869, em Porbandar, Índia. Quando jovem, estudou direito em Londres e era discreto nas maneiras e na aparência. Então, vestido como um autêntico sujeito britânico, ele voltou para a Índia para exercer o direito. Após dois anos de prática sem sucesso, ele foi para a África do Sul, que, como a Índia, era uma colônia britânica. Ele pretendia permanecer por um ano, mas sua primeira crise de identidade intensa o manteve lá por mais de 20 anos.

Uma semana depois de um juiz tê-lo expulsado de um tribunal, Gandhi foi retirado de um trem quando se recusou a dar seu lugar para um homem "branco". Essas duas experiências com preconceito racial mudaram sua vida. Na época em que ele resolveu essa crise de identidade, sua aparência havia mudado dramaticamente. Não mais trajado com chapéu de seda e casaco preto, ele usava uma tanga e um xale de algodão, que passaram a ser conhecidos por milhões de pessoas em todo o mundo. Durante aqueles anos

na África do Sul, ele desenvolveu a técnica de resistência passiva conhecida como *Satyagraha* e a usava para resolver seus conflitos com as autoridades. *Satyagraha* é um termo em sânscrito que significa um método tenaz e obstinado de entender a verdade.

Depois de retornar para a Índia, Gandhi experimentou outra crise de identidade, quando, em 1918, aos 49 anos, tornou-se a figura central em uma greve de trabalhadores contra os proprietários de moinhos em Ahmedabad. Erikson se referiu aos fatos que envolviam a greve como "O Evento" e dedicou a parte central de *A verdade de Gandhi* a tal crise. Ainda que essa greve tenha sido apenas um acontecimento menor na história da Índia e tenha recebido pouca atenção na biografia de Gandhi, Erikson (1969) considerou o fato como promotor de um grande impacto na identidade de Gandhi como praticante da não violência militante.

Os trabalhadores dos moinhos haviam prometido fazer greve caso suas reivindicações por um aumento de 35% no salário não fossem atendidas. Porém, os proprietários, que haviam combinado entre si de não oferecer um aumento superior a 20%, recusaram e tentaram romper sua solidariedade oferecendo o aumento de 20% para aqueles



De acordo com Erikson, Mahatma Gandhi desenvolveu forças básicas a partir de suas várias crises de identidade.

que voltassem ao trabalho. Gandhi, o porta-voz dos trabalhadores, ficou abalado com esse impasse. Então, de forma um tanto impetuosa, ele prometeu não comer mais nada até que as demandas dos trabalhadores fossem atendidas. Este, o primeiro de 17 “jejuns até a morte”, não foi feito como uma ameaça aos proprietários dos moinhos, mas para demonstrar aos trabalhadores que uma promessa deve ser mantida. Na verdade, Gandhi temia que os proprietários dos moinhos se rendessem por simpatia a ele, em vez de por reconhecimento à situação desesperada dos trabalhadores. De fato, no terceiro dia, trabalhadores e proprietários chegaram a um acordo que permitiu que os dois lados salvassem as aparências – os trabalhadores iriam trabalhar um dia por um aumento de 35%, um dia por um aumento de 20% e depois pela quantia que um árbitro decidisse. No dia seguinte, Gandhi interrompeu a greve de fome, mas sua resistência pacífica ajudou a moldar sua identidade e lhe deu uma nova ferramenta para a mudança política e social pacífica.

Diferentemente dos indivíduos neuróticos, cuja crise de identidade resulta em patologias centrais, Gandhi desenvolveu força a partir dessa e de outras crises. Erikson (1969) descreveu a diferença entre conflitos em grandes pessoas, como Gandhi, e indivíduos psicologicamente perturbados: “Esta, então, é a diferença entre um histórico de caso e uma história de vida: os pacientes, grandes ou pequenos, são cada vez mais debilitados por seus conflitos internos, mas, na realidade histórica, o conflito interno apenas acrescenta um ímpeto indispensável a todo esforço sobre-humano” (p. 363).

## PESQUISA RELACIONADA

Uma das principais contribuições de Erikson foi ampliar o desenvolvimento da personalidade até a idade adulta. Ao expandir a noção de Freud do desenvolvimento até a velhice, Erikson desafiou a ideia de que o desenvolvimento psicológico termina com a infância. O legado mais influente de Erikson foi sua teoria do desenvolvimento e, em particular, os estágios desde a adolescência até a velhice. Ele foi um dos primeiros teóricos a enfatizar o período crítico da adolescência e os conflitos associados à busca por uma identidade. Adolescentes e jovens adultos com frequência perguntam: Quem sou eu? Para onde estou indo? E o que quero fazer com o resto da minha vida? A forma como eles respondem a essas perguntas desempenha um papel importante nos tipos de relações que desenvolvem, em com quem se casam e nos caminhos profissionais que seguem.

Em contraste com a maioria dos outros teóricos psicodinâmicos, Erikson estimulou bastante a pesquisa empírica, boa parte sobre a adolescência, o início da idade adulta e idade adulta. Discutimos aqui as pesquisas recentes sobre

o desenvolvimento no início e na metade da vida adulta, de forma mais específicas os estágios da identidade, da intimidade e da generatividade.

## A identidade precede a intimidade?

Os pesquisadores Wim Beyers e Inge Seiffge-Krenke (2010) fizeram exatamente a mesma pergunta, como uma forma de testar o princípio epigenético de Erikson. A aquisição, na adolescência, de um senso de identidade seguro fornece uma base para o desenvolvimento de relações íntimas saudáveis na idade adulta emergente? Seu estudo longitudinal testou o pressuposto de Erikson em relação a esse ordenamento fixo do desenvolvimento para preencher duas lacunas na literatura de pesquisa: a) apenas estudos transversais e de curto prazo foram realizados até o momento sobre esses dois estágios eriksonianos; portanto, ainda não foi possível chegar a uma conclusão de fato referente ao desenvolvimento; e b) vários modelos mais recentes sobre o desenvolvimento adolescente questionaram se a identidade realmente precede a intimidade, conforme postula a teoria de Erikson.

Existem indicações de um contexto de desenvolvimento bastante alterado em décadas recentes, que coloca em questão a adequação do ordenamento de Erikson em estágios na adolescência e na idade adulta. Por exemplo, os adolescentes hoje podem adiar os compromissos adultos e explorar um amplo leque de opções na faculdade e além (Luyckx, Goossens, Soenens, & Beyers, 2006), sugerindo que a solidificação da identidade é estendida. Além do mais, alguns sugeriram que as relações sexuais íntimas se desenvolvem cada vez mais durante a adolescência, talvez precedendo e até mesmo interrompendo o desenvolvimento da identidade (consider-se a taxa de gravidez na adolescência) (p. ex., Brown, 1999).

Beyers e Seiffge-Krenke (2010) examinaram dados de 52 mulheres e 41 homens em um estudo longitudinal de 10 anos na Alemanha para avaliar, primeiro, se o ordenamento do desenvolvimento de Erikson da identidade e, segundo, a intimidade ainda se mantêm verdadeiros. Seus participantes foram entrevistados quando tinham 15 anos e novamente aos 25 anos. Eles encontraram evidências de uma marcante progressão do desenvolvimento da identidade para a intimidade, com um crescente desenvolvimento do ego dos 15 aos 25 anos, mais conformado aos 15 anos e mais autoconsciente aos 25 anos. Além disso, não houve indicação de adiamento da identidade, conforme sugerido por outros, nos jovens adultos. Por fim, a maioria da amostra tinha parcerias íntimas aos 25 anos e seus níveis de intimidade podiam ser previstos a partir do desenvolvimento da identidade do ego, aos 15 anos. Portanto, os pesquisadores concluíram que, mesmo no novo milênio, o desenvolvimento do ego na adolescência é um forte preditor de intimidade no jovem adulto.

O próprio Erik Erikson escreveu certa vez: “A condição de dois é que precisamos primeiro nos tornar um” (1982, p. 101). Beyers e Sieffge-Krenke (2010) parecem ter demonstrado a verdade dessa declaração incisiva acerca da personalidade da idade adulta emergente. Conforme nos tornamos seguros em relação a nós mesmos, temos maior probabilidade de desfrutar da intimidade de mais alta qualidade com um parceiro.

### Generatividade versus estagnação

Assim como em todos os estágios, a idade adulta consiste em dois conflitos em interação: generatividade e estagnação. Erikson, de modo geral, considerava a estagnação e generatividade como extremos opostos do mesmo *continuum*. Em outras palavras, uma pessoa que tem alta generatividade tende a apresentar baixa estagnação, e vice-versa. Mas, recentemente, pesquisadores começaram a questionar o quanto esses dois aspectos do desenvolvimento adulto de fato são opostos e exploraram estagnação e generatividade como construtos independentes (Van Hiel, Mervielde, & De Fruyt, 2006). Uma razão para essa mudança do modelo de Erikson é que pode ser possível que as pessoas sejam tanto generativas quanto estagnadas. Tal situação acontece se uma pessoa realmente desejar ser generativa e compreender a importância de ser generativa, mas, seja qual for a razão, não puder superar o envolvimento em si. Ela pode perceber que a generatividade é o estágio seguinte no desenvolvimento, mas simplesmente não consegue chegar lá.

Uma maneira de determinar a independência desses dois construtos é medi-los separadamente e, depois, mensurar várias consequências. Se eles forem níveis opostos do mesmo *continuum*, então, quando a generatividade se mostrar um preditor positivo de um resultado como a saúde mental, a estagnação deve se mostrar um preditor negativo da saúde mental. Todavia, se eles nem sempre se mostrarem correspondentes, então ambos os construtos podem ser conceitos separados. Como a estagnação nunca antes foi mensurada separada da generatividade, os pesquisadores tiveram que criar uma medida a partir do zero. Com base na descrição de estagnação dada por outros estudiosos (p. ex., Bradley & Marcia, 1998), Van Hiel e colaboradores (2006) criaram uma medida de autorrelato consistindo de itens como “Frequentemente, mantendo uma distância entre mim e meus filhos” e “É difícil dizer quais são meus objetivos”. Para medir a Generatividade, os pesquisadores usaram a Escala de Generatividade Loyola (EGL), usada na maioria das pesquisas sobre esse tópico. Para ver o quanto tais construtos combinam com resultados importantes, os pesquisadores escoheram uma medida ampla de saúde mental, que incluía a avaliação de sintomas relacionados a vários transtornos da personalidade, como a incapacidade de regular as emoções e questões de intimidade.

Os resultados desse estudo corroboraram a nova proposição, de que estagnação e generatividade devem ser consideradas de modo independente. Por exemplo, estagnação e generatividade não predizem resultados de saúde mental da mesma maneira. Aqueles que tinham alta estagnação tendiam a ser menos capazes de regular suas emoções; no entanto, ao mesmo tempo, a generatividade não estava relacionada à regulação da emoção. Se apenas a generatividade tivesse sido medida (e não a estagnação separadamente), então esses pesquisadores não teriam descoberto o achado importante de que a estagnação está relacionada a problemas na regulação emocional. Os pesquisadores também identificaram a existência de indivíduos com alta generatividade e estagnação, constatando que tal perfil de personalidade não é sadio em termos de bem-estar mental e emocional. Comparadas a pessoas com alta generatividade, mas baixa estagnação, os indivíduos com ambas as dimensões altas são menos capazes de regular suas emoções e experimentam mais dificuldades de intimidade. Essas duas qualidades são consideradas componentes de uma personalidade desadaptada.

Conceitualmente, essa pesquisa não difere muito do modelo de Erikson (estagnação e generatividade ainda estão incluídas). Ela mostra, no entanto, que, para fins práticos de pesquisa e para compreender de forma mais integral a personalidade na idade adulta, estagnação e generatividade podem operar, e por vezes operam, de modo separado e independente no desenvolvimento adulto.

### CRÍTICAS A ERIKSON

Erikson construiu sua teoria em grande parte sobre princípios éticos, e não necessariamente sobre dados científicos. Ele chegou à psicologia pela arte e reconheceu que via o mundo mais pelos olhos de um artista do que pelos olhos de um cientista. Certa vez, escreveu que nada tinha a oferecer exceto “uma maneira de olhar para as coisas” (Erikson, 1963, p. 403). Seus livros são reconhecidamente subjetivos e pessoais, o que certamente os torna mais atraentes. No entanto, a teoria de Erikson deve ser julgada pelos padrões da ciência, não pela ética ou pela arte.

O primeiro critério de uma teoria útil é a capacidade de gerar pesquisa, e, por esse padrão, classificamos a teoria de Erikson como um pouco acima da média. Por exemplo, somente o tópico da identidade do ego gerou várias centenas de estudos; outros aspectos dos estágios de desenvolvimento de Erikson, como intimidade versus isolamento (Gold & Rogers, 1995) e generatividade (Arnett, 2000; Pratt, Norris, Arnold, & Filyer, 1999) e todo o ciclo de vida (Whitbourne, Zuschlag, Elliot, & Waterman, 1992), estimularam investigações empíricas ativas.

Apesar dessa pesquisa ativa, classificamos a teoria de Erikson como somente na média quanto ao critério de refu-

tação. Muitos achados desse corpo de pesquisa podem ser explicados por outras teorias além da teoria dos estágios de desenvolvimento de Erikson.

Em sua capacidade de *organizar conhecimento*, a teoria de Erikson está limitada, principalmente, aos estágios do desenvolvimento. Ela não aborda de modo adequado questões como traços pessoais ou motivação, uma limitação que reduz a capacidade da teoria de dar significado a muito do que é hoje conhecido sobre a personalidade humana. Os oito estágios do desenvolvimento permanecem sendo uma afirmação eloquente do que deve ser o ciclo da vida, e os achados de pesquisa nessas áreas em geral podem ser encaixados em um modelo eriksoniano. No entanto, a teoria carece de alcance suficiente para ser classificada como alta em tal critério.

Como um *guião para a ação*, a teoria de Erikson fornece muitas diretrizes gerais, mas poucas informações específicas. Comparada a outras teorias discutidas neste livro, ela se classifica próxima ao topo na sugestão de abordagens para lidar com adultos de meia-idade e mais velhos. A visão de Erikson sobre o envelhecimento foi útil para as pessoas no campo da gerontologia, e suas ideias sobre a identidade do ego são quase sempre citadas em livros de psicologia adolescente. Além disso, seus conceitos de intimidade *versus* isolamento e generatividade *versus* estagnação têm mui-

to a oferecer a terapeutas de casais e a outros profissionais preocupados com relações íntimas entre jovens adultos.

Classificamos a teoria de Erikson como alta em *coerência interna*, principalmente porque os termos usados para rotular as diferentes crises psicossociais, forças básicas e patologias centrais são escolhidos com muito cuidado. O inglês não era a língua materna de Erikson, e seu extenso uso de um dicionário enquanto escrevia aumentou a precisão de sua terminologia. No entanto, conceitos como esperança, vontade, propósito, amor, cuidado, entre outros, não são definidos de modo operacional. Eles têm pouca utilidade científica, embora se classifiquem como altos em valor literário e emocional. Todavia, o princípio epigenético de Erikson e a eloquência da descrição dos outros estágios do desenvolvimento marcam sua teoria com coerência interna visível.

No critério de simplicidade, ou *parcimônia*, atribuímos à teoria a classificação moderada. A precisão de seus termos é um ponto forte, mas as descrições dos estágios psicossexuais e das crises psicossociais, em especial nas fases posteriores, nem sempre são claramente diferenciadas. Além disso, Erikson usou termos diferentes e até conceitos distintos para preencher os 64 quadros que estão vagos na Figura 8.2. Tal inconsistência subtrai simplicidade da teoria.



## CONCEITO DE HUMANIDADE

Em contraste com Freud, que acreditava que anatomia era destino, Erikson sugeriu que outros fatores poderiam ser responsáveis pelas diferenças entre mulheres e homens. Citando algumas de suas próprias pesquisas, Erikson (1977) sugeriu que, embora meninas e meninos tenham métodos diferentes de jogar, essas diferenças são, pelo menos em parte, resultado de práticas de socialização distintas. Essa conclusão significa que Erikson concordava com Freud que anatomia é destino? A resposta de Erikson era sim, anatomia é destino, mas ele rapidamente qualificava essa máxima para dizer: “Anatomia, história e personalidade são nosso destino combinado” (Erikson, 1968, p. 285). Em outras palavras, a anatomia, isoladamente, não determina o destino, mas ela se combina com eventos passados, incluindo dimensões sociais e várias dimensões da personalidade, como temperamento e inteligência, para determinar quem a pessoa se tornará.

Como a teoria de Erikson conceitualiza a humanidade em termos das seis dimensões que apresentamos no Capítulo 1? Primeiro, o ciclo da vida é determinado por *forças externas* ou as pessoas têm alguma *escolha* para moldar suas personalidades e vidas? Erikson não era tão determinista quanto Freud, mas também não acreditava fortemente em

livre-arbítrio. Sua posição era mais intermediária. Ainda que a personalidade seja moldada, em parte, pela cultura e pela história, é possível manter um controle limitado sobre o próprio destino. As pessoas podem procurar suas próprias identidades e não estão completamente restringidas pela cultura e pela história. Os indivíduos, de fato, podem mudar a história e alterar seu ambiente. Os dois sujeitos das psico-histórias mais extensas de Erikson, Martin Luther e Mahatma Gandhi, possibilitaram um profundo efeito na história mundial e em seu ambiente imediato. Do mesmo modo, cada um de nós tem o poder de determinar o próprio ciclo de vida, mesmo que nosso impacto global possa ser em uma escala menor.

Na dimensão *pessimismo versus otimismo*, Erikson tendia a ser mais otimista. Mesmo que patologias centrais possam predominar em estágios iniciais do desenvolvimento, os humanos não estão inevitavelmente condenados a continuar uma existência patológica em estágios posteriores. Apesar de fraquezas no início da vida tornarem mais difícil adquirir forças básicas mais tarde, as pessoas permanecem capazes de mudar em qualquer estágio da vida. Cada conflito psicossocial consiste em uma qualidade sintônica e distônica. Cada crise

pode ser resolvida em favor do elemento sintônico, ou harmônioso, sejam quais forem as resoluções passadas.

Erikson não tratou especificamente da questão da *causalidade versus teleologia*, mas sua visão da humanidade sugere que as pessoas são mais influenciadas por forças biológicas e sociais do que pela visão do futuro. As pessoas são produto de um momento histórico particular e de um contexto social específico. Mesmo que possamos estabelecer objetivos e lutar ativamente para atingi-los, não podemos escapar por completo das forças causais poderosas da anatomia, da história e da cultura. Por essa razão, classificamos Erikson como alto em causalidade.

Na quarta dimensão, determinantes *conscientes* versus *inconscientes*, a posição de Erikson é mista. Antes da adolescência, a personalidade é, em grande parte, moldada pela motivação inconsciente. Os conflitos psicossexuais e psicosociais durante os quatro primeiros estágios do desenvolvimento ocorrem antes que as crianças tenham estabelecido sua identidade com firmeza. Raras vezes, estamos claramente conscientes dessas crises e das formas como elas moldam nos-

sas personalidades. Da adolescência em diante, no entanto, as pessoas tendem a ter consciência de suas ações e da maioria das razões subjacentes a elas.

A teoria de Erikson, é claro, é mais *social* do que biológica, embora não negligencie a anatomia e outros fatores fisiológicos no desenvolvimento da personalidade. Cada modo psicossexual possui um componente biológico específico. Entretanto, conforme as pessoas avançam pelos oito estágios, as influências sociais se tornam cada vez mais poderosas. Além disso, o raio das relações sociais se expande da pessoa materna para uma identificação global com toda a humanidade.

A sexta dimensão para um conceito de humanidade é *singularidade versus semelhanças*. Erikson tendia a colocar ênfase nas diferenças individuais, não tanto nas características universais. Ainda que as pessoas em diferentes culturas avancem ao longo dos oito estágios do desenvolvimento na mesma ordem, uma miríade de diferenças é encontrada na marcha dessa jornada. Cada pessoa resolve as crises psicosociais de maneira única, e cada uma usa as forças básicas de forma peculiar.

## Termos-chave e conceitos

- Os estágios do desenvolvimento se apoiam no *princípio epigenético*, significando que cada componente avança passo a passo, com o crescimento posterior sendo construído sobre o desenvolvimento anterior.
- Durante cada estágio, as pessoas experimentam uma interação de atitudes *sintônicas* e *distônicas* opostas, o que leva a um conflito, ou *crise psicossocial*.
- A resolução dessa crise produz uma *força básica* e possibilita que a pessoa avance para o estágio seguinte.
- Os componentes biológicos formam a “planta baixa” de cada indivíduo, mas uma multiplicidade de eventos históricos e culturais também molda a *identidade do ego*.
- Cada força básica possui uma antítese subjacente, que se torna a *patologia central* do estágio correspondente.
- O primeiro estágio do desenvolvimento é o *período da lactânci*a, caracterizado pelo modo *oral-sensorial*, pela crise psicossocial de *confiança básica* versus *desconfiança básica*, pela força básica da *esperança* e pela patologia central do *retraimento*.
- Durante a *infância precoce*, as crianças experimentam o modo psicossexual *anal-uretral-muscular* o conflito psicossocial da *autonomia* versus *vergonha e dúvida*, a força básica da *vontade* e a patologia central da *compulsão*.
- Durante a *idade do jogo*, as crianças experimentam o desenvolvimento psicossexual *genital-locomotor* e passam por uma crise psicossocial de *iniciativa* ver-

sus *culpa*, com a força básica do *propósito* ou a patologia central da *inibição*.

- As crianças em *idade escolar* estão em um período de *latência sexual*, mas enfrentam a crise psicossocial de *diligência* versus *inferioridade*, o que produz a força básica da *competência* ou a patologia central da *inércia*.
- A *adolescência*, ou puberdade, é um estágio crucial, porque o sentimento de *identidade* de uma pessoa deve emergir desse período. No entanto, a *confusão de identidade* pode dominar a crise psicossocial, retardando, assim, a identidade. *Fidelidade* é a força básica da adolescência; *repúdio do papel* é a patologia central.
- O *início da idade adulta*, a época que vai dos 18 aos 30 anos, é caracterizada pelo modo psicossexual da *genitalidade*, a crise psicossocial de *intimidade* versus *isolamento*, a força básica do *amor* e a patologia central da *exclusividade*.
- A *idade adulta* é o momento em que as pessoas experimentam o modo psicossexual de *procriatividade*, a crise psicossocial de *generatividade* versus *estagnação*, a força básica do *cuidado* e a patologia central da *rejeição*.
- A *velhice* é marcada pelo modo psicossexual da *sensualidade generalizada*, pela crise de *integridade* versus *desespero* e pela força básica da *sabedoria* ou pela patologia central do *desdém*.
- Erikson usou a *psico-história* (uma combinação de psicanálise e história) para estudar as crises de identidade de Martin Luther, Mahatma Gandhi e outros.